

Dom. 24/3/85

Dizer bem ou dizer mal?

Há hoje poucos textos de humor? Talvez os não saibamos procurar nas publicações (poucas) que hoje disputam os nossos escassos recursos de papel.

Verdadeiro monumento de humor talvez não intencionado é uma «análise» de Eduardo White sobre o poeta José Craveirinha, publicada na última edição da revista Charrua.

Não é justo citar textos, retirando partes do contexto que as integra. Mas não será possível reproduzir a deliciosa prosa na sua totalidade. Sugerimos para isso a consulta da «Charrua» que inclui o referido artigo, intitulado «Craveirinha, o imbondeiro da Mafalala». Eis, com a reserva e a sugestão anteriores, alguns extractos:

«... o modo de (Craveirinha) dizer as coisas muito **abertivamente provocativas...**»

— «... este mestre sintomaticamente **conspira (...)** contra a **sensibilidade** mais precavida de qualquer leitor mais atento. A maneira como Craveirinha convivia as palavras, **as prostitui** e lhes espreme o sumo, estimula excitadamente a mera casualidade de um poema exposto à nossa frente. Isso deve-se à forma como o poeta se despe, despindo despidoradamente a

sua poesia.»

— «Indignação é bem o termo que me faltava, atribuir à poesia de Craveirinha. Gostava, até, de acrescentação a repugnância. Sim, o repugno (1) pelas coisas indignas de serem indignas.»

— «Craveirinha reduz as suas palavras em **suspeitos** exercícios, o que me leva a crer que há nisso tudo uma ligeira **cumplicidade** entre ele e os seus poemas.

— «(...) as ondas (...) encarnam **desastradamente** o emprender das relações que se estabelecem entre o escritor e o leitor.

— «... Depois é a harmonia a conjugar-se, a coabitar no mesmo **«estêrco»** que convém a originalidade da sua poesia.

— «... leva-nos (o poema) a imaginar na quantidade incalculável dos cromossomas (do

poeta). (2)

— «É por estes factos **suspeitos** e astutos que a poesia do mestre Craveirinha **me atira precipitadamente para um abismo** onde as palavras ganham formas e suam na **atmosfera agrimensurada**».

«É por isto e por mais que o poeta é campo fértil para o nascimento das suas **redenções** onde reside a sua mais íntima **miséria**».

Ficam aqui, sem comentário, as citações. ■

Armando Jorge

(nota 1) — White devia querer dizer repugnância. «Repugno» não existe na língua portuguesa. O texto está aliás cheio de erros dificilmente imputáveis a gralhas tipográficas.

(nota 2) — Os cromossomas são, na espécie humana, apenas vinte e três pares.